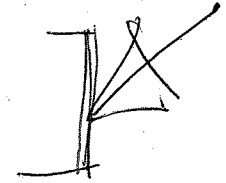


Uma conversa.

Galileu estava a ler o veredicto quando um frade o veio visitar. Era filho de um pobre camponês e queria saber qual o caminho da ciência. Queria saber, queria saber.



NO PALÁCIO DO EMBAIXADOR FLORENTINO EM ROMA

Galileu ouve aquele pequeno frade, que, depois da sessão do Collegium Romanum, lhe sussurrou a opinião do astrónomo papal.

GALILEU: Fale, fale! As vestes que usa dão-lhe o direito de dizer tudo o que quiser.

O PEQUENO FRADE: Eu estudei matemática, senhor Galileu.

GALILEU: Podia ser uma ajuda, se isso o levasse a reconhecer que dois vezes dois de vez em quando são quatro!

O PEQUENO FRADE: Senhor Galileu, há três noites que não consigo dormir. Não sei como conciliar o decreto, que li, com os satélites de Júpiter, que vi. Hoje de manhã cedo tomei a decisão de vir aqui ter consigo, depois de rezar a missa.

GALILEU: Para me participar que Júpiter não tem nenhuns satélites?

O PEQUENO FRADE: Não. Consegui vislumbrar a sabedoria do decreto. Ele pôs-me a nu os perigos que uma investigação sem entraves encerra para a Humanidade, e decidi abandonar a astronomia. Mas quis também apresentar-lhe os motivos que podem levar até mesmo um astrónomo a desistir de continuar a edificação daquela teoria.

GALILEU: Posso dizer que esses motivos já são meus conhecidos.

O PEQUENO FRADE: Compreendo o seu aze-dume. Está a pensar nos extraordinários recursos da Igreja.

GALILEU: Diga tranquilamente: instrumentos de tortura.

O PEQUENO FRADE: Mas gostaria de lhe referir outros motivos. Permita-me que fale de mim próprio. Fui educado na Campânia como filho de camponeses, que era. Gente simples. Sabem tudo sobre a oliveira, mas fora disso pouco mais sabem. Observando as fases de Vénus, posso agora ver diante de mim os meus pais, sentados à lareira com a minha irmã, a comerem a sua refeição. Vejo as traves de madeira por cima deles, enegrecidas pelo fumo de séculos, e vejo até as suas velhas mãos calejadas pelo trabalho, e a

pequena colher que elas seguram. Não passam muito bem, mas mesmo na sua infelicidade se pode descobrir uma determinada ordem. Há os diferentes ciclos, o das grandes limpezas, o das estações no olival, e o do pagamento dos impostos. É tudo regular, aquilo que de mau lhes acontece. As costas do meu pai não ficam deformadas de uma vez, mas vão-se deformando cada vez mais, em cada Primavera que passa no olival, tal como os partos, que fizeram com que a minha mãe perdesse a sua forma humana, se foram regularmente sucedendo. Eles vão buscar as forças para arrastar, suando em bica, os cestos pelo caminho acima, as forças para ter filhos, e até mesmo as forças para comer, ao sentimento de permanência e de necessidade transmitido pela contemplação da terra, das árvores reverdecendo cada ano, da pequena igreja e pelos versículos da *Bíblia* que ouvem aos domingos. Foi-lhes assegurado que sobre eles, pesa, inquisidor, o olhar de Deus, quase angustiada; que todo o teatro do mundo está construído à volta deles, para que eles, os actuates, se possam afirmar nos grandes ou pequenos papéis que lhes foram distribuídos. Que diriam os meus, se, por mim, viessem a saber que afinal se encontram num montão de pedras, movendo-se sem parar num espaço vazio em torno de outra estrela, numa terra entre muitas outras, sem significação especial? Para quê tanta paciên-

cia, tanta aceitação de miséria e de sofrimento? Nem era necessária, nem foi boa. E de que serve agora a Sagrada Escritura, que tinha tudo explicado e bem fundamentado: o suor, a paciência, a fome, a submissão, quando agora se vem a saber que estava cheia de erros? Não, vejo os seus olhos encherem-se de espanto e de temor, vejo a colher cair na pedra da lareira, vejo como eles se sentem atraídos e enganados. Exclamando: afinal não há nenhuns olhos postos sobre nós. Somos nós mesmos que temos de olhar por nós, ignorantes, velhos e gastos, como somos? Ninguém nos atribuiu nenhum papel para além deste miserável papel terreno, num minúsculo astro completamente dependente dos outros, e sem ter nada que gire em torno dele. Não há sentido nenhum nas nossas provações, a fome é somente não ter comido nada, não é prova de força. O esforço é somente curvar-se para arrastar o fardo, não tem qualquer espécie de mérito. Percebe agora que eu veja no Decreto do Santo Ofício uma compaixão nobre e maternal, uma enorme bondade de alma?

GALILEU: Bondade de alma! Certamente o que quer dizer é: não há nada para lhes dar, o vinho bebeu-se todo, têm os lábios mais que ressequidos, então que se entretendam a beijar sotainas! Mas por que razão não há nada para lhes dar? Porque é que a ordem, neste país, é somente a

ordem de uma dispensa vazia, e a necessidade somente a necessidade de as pessoas se matarem a trabalhar? Com tanta vinha carregada de uva, junto aos campos de trigo. Os seus camponeses da Campânia estão a pagar as guerras que o Vigário do Bom Jesus está a fazer em Espanha e na Alemanha. Porque põe ele a Terra no centro do universo? Para que o trono de S. Pedro possa estar no centro da Terra. É só disto que se trata. Tem toda a razão, não é dos planetas que se trata, e sim dos camponeses da Campânia. E não me venha com a beleza que a idade imprime às coisas! ~~Sabe como a *Auster Margaritifera* produz as suas pérolas? Durante uma doença mortal vai envolvendo um corpo estranho, que lhe é insuportável, por exemplo um grão de areia, numa bola de mucosa. Quase que perde a vida, ao longo deste processo. Diabos levem a pérola, prefiro a ostra sã! As virtudes não andam ligadas à miséria, meu caro. Se a sua gente tivesse de que viver, e fosse feliz, poderia desenvolver as virtudes do desafio e da felicidade. Mas essas virtudes de gente extenuada provêm de solos extenuados; são virtudes que eu nego.~~ Caro amigo, as minhas novas bombas de água podem fazer muito mais do que o pobre trabalho de forçados que eles fazem. «Sede férteis e multiplicai-vos», porque os campos são estéreis e as guerras não param de vos dizimar. Acha que eu devo mentir à sua gente?

O PEQUENO FRADE (*muito comovido*): É pelos mais elevados motivos que nos devemos calar, é pela paz de alma de todos os infelizes!

GALILEU: Quer ver um relógio de Cellini que hoje de manhã o cocheiro do Cardeal Belarmino me veio aqui trazer? Meu caro, em recompensa da paz de alma que eu deixo, por exemplo, aos seus pais, oferecem-me as autoridades o vinho que eles obtiveram com o suor do rosto feito à imagem de Deus, como muito bem sabe. Se eu consentisse em calar-me seria sem dúvida pelos mais baixos motivos: viver sem dificuldades, não ser perseguido, etc.

O PEQUENO FRADE: Senhor Galileu, eu sou padre.

GALILEU: Mas também é físico. E vê que Vénus tem fases. Olha, olha lá para fora! (*Aponta para a janela.*) Vês ali o pequeno Priapo ao pé da fonte, perto do loureiro? O deus dos jardins, dos pássaros e dos ladrões, o obscuro campónio com dois mil anos de idade! Pois ele foi menos mentiroso. Mas seja, não falemos mais disso, eu também sou filho da Igreja. Conhece a oitava sátira de Horácio? Tenho andado a relê-lo ultimamente, faz-me recuperar o equilíbrio. (*Vai buscar um livrinho.*) ~~Faz falar precisamente este Priapo.~~

~~uma pequena estátua que se encontrava nos jardins do Esquilino. Começa assim:~~

*Um cepo de figueira, um pouco de madeira
sem grande utilidade, eis o que eu era,
quando o carpinteiro, hesitante
entre fazer um Priapo ou um banco
se decidiu pelo deus...*

Acha que Horácio permitiria que lhe proibissem o banco e o obrigassem a pôr uma mesa no poema? ~~Caro senhor,~~ o meu sentido do belo fica profundamente chocado, se Vénus, na minha concepção do mundo, não tiver fases! Não podemos descobrir máquinas para bombar a água dos rios, se não nos for permitido estudar a maior máquina de todas, a máquina dos corpos celestes, que se estende diante dos nossos olhos. A soma dos ângulos de um triângulo não pode ser modificada segundo as necessidades da Cúria Romana. E eu não posso calcular as órbitas dos corpos celestes de modo a explicar também os passeios que as bruxas dão, a cavalo nas suas vassouras.

O PEQUENO FRADE: E não acha que a verdade, se é verdade, acaba por impor-se, mesmo sem nós?

GALILEU: Não, não, não. Só se impõe a verdade que formos nós próprios a impor. A vitória da razão só pode ser a vitória das pessoas que raciocinam. Você descreve os seus camponeses da

Campânia como descreve o musgo das suas cabanas. ~~Quem iria pensar que a soma dos ângulos de um triângulo podia ser contrária às necessidades dessa gente!~~ Mas se eles não se põem em movimento e não aprendem a pensar, também não ganham nada com os dispositivos de irrigação, por muito bons que sejam. Diabo, eu bem vejo a divina paciência da sua gente, mas onde está a sua divina cólera?

O PEQUENO FRADE: O senhor está cansado!

GALILEU (*atira-lhe um rolo de manuscritos*): És um físico, meu filho? Está aí a explicação das marés do oceano. Mas não a deves ler, ouviste? Ah, já estás a ler? Então sempre és um físico?

O pequeno frade concentrou-se nos papéis.

GALILEU: Uma maçã da árvore do conhecimento! E ele já está a engoli-la. É a danação eterna, mas não há nada a fazer, infeliz glutão! Penso às vezes: era capaz de me deixar fechar numa prisão dez braças abaixo de terra, onde a luz não penetra, se em troca disso ficasse a saber o que é a luz. E o pior é que, quando sei uma coisa, tenho de a dizer aos outros. Como um apaixonado, como um bêbado, como um traidor. É um perfeito vício, e conduz à desgraça. Quanto tempo aguen-

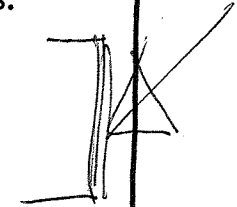
tarei, gritando para o fogão as minhas descobertas?, eis o problema.

O PEQUENO FRADE (*indicando uma passagem nos papéis*): Não percebo esta frase.

GALILEU: Eu explico-te, eu explico-te.

Passados oito anos de silêncio, a eleição de um novo Papa, que é ele próprio cientista, encoraja Galileu a retomar de novo as suas investigações de certos domínios proibidos. As manchas solares.

A verdade no saco
a língua na boca fechada
calou-se oito anos
e não aguentou mais.
Verdade, segue o teu caminho.



CASA DE GALILEU EM FLORENÇA

Os alunos de Galileu, Federzoni, o pequeno frade e Andrea Sarti, agora um jovem, estão reunidos para assistir a uma aula prática. Galileu, de pé, lê um livro. Virginia e a Senhora Sarti cosem roupa do enxoval.

VIRGÍNIA: É divertido coser o enxoval. Isto é para uma grande mesa de convidados. Ludovico gosta muito de convidar pessoas. Tem de ficar impecável, a mãe dele repara no mínimo defeito. Ela não concorda nada com os livros do pai. O Padre Cristóvão também não.

SENHORA SARTI: Há anos que o teu pai não escreve nenhum livro.

VIRGÍNIA: Acho que finalmente chegou à conclusão de que se tinha enganado. ~~Em Roma um cardeal muito importante explicou-me muitas coisas de astronomia. As distâncias são grandes de mais.~~

ANDREA (*enquanto escreve no quadro o sumário do dia*): «Quinta feira à tarde. Os corpos flutuantes.» Vamos precisar outra vez de gelo, alguidar com água, balança, agulha de ferro, Aristóteles.

Vai buscar o material. Os outros ficam a rever os livros. Entra Filippo Mucius, sábio de meia-idade. Mostra-se um tanto ou quanto alterado.

MUCIUS: Importam-se de ir dizer ao senhor Galileu que ele tem de me receber? Condena-me sem me ouvir.

SENHORA SARTI: Mas se ele não o quer receber.

MUCIUS: Deus a recompensará, se a senhora lhe for pedir. Preciso de lhe falar.

VIRGÍNIA (*vai até à escada*): Pai!

GALILEU: Que é?

VIRGINIA: O senhor Mucius!

GALILEU (*irritado ergue os olhos do livro, vai até à escada, com os alunos atrás*): Que deseja?

MUCIUS: Senhor Galileu, peço-lhe que me dê licença para lhe explicar os pontos do meu livro em que parece haver uma condenação da teoria de Copérnico sobre a rotação da Terra. Eu...

GALILEU: Não há nada a explicar. O senhor está em conformidade com o decreto que a Santa Congregação promulgou em 1616. Está no seu pleno direito. Estudou aqui matemática, é verdade, mas isso não nos dá o direito de o ouvirmos dizer que dois vezes dois são quatro. O senhor tem todo o direito de dizer que esta pedra (*tira uma pequena pedra do bolso e atira-a para o chão*) acaba de levantar voo, para o tecto.

MUCIUS: Senhor Galileu, eu...

GALILEU: Não me venha falar em dificuldades! Eu não fugi durante a peste para poder continuar com as minhas observações.

MUCIUS: Senhor Galileu, a peste ainda não é o pior.

GALILEU: Pois digo-lhe: quem não sabe a verdade é simplesmente um cretino. Mas quem a sabe e diz que ela é mentira, esse então é mesmo criminoso! Saia da minha casa! Ponha-se já lá fora!

MUCIUS (*atónito*): Tem razão. (*Sai.*)

Galileu volta de novo para o quarto de trabalho.

FEDERZONI: Infelizmente é assim. Ele não é nenhum génio e não valeria nada, se não tivesse sido seu aluno. Mas agora os outros dizem: ele ouviu tudo o que Galileu ensinou e tem de confessar que é tudo falso.

SENHORA SARTI: Faz-me pena o homem.

~~VIRGÍNIA: O pai gostava imenso dele.~~

SENHORA SARTI: Virgínia, gostava de falar contigo acerca do teu casamento. És ainda tão nova, e não tens mãe, e o teu pai só se preocupa com esses pedacinhos de gelo a flutuar dentro de água. De resto nem te aconselharia a que lhe fosses fazer qualquer pergunta relacionada com o teu casamento. Durante uma semana ouvi-lo-ias dizer as coisas mais horríveis, e precisamente às refeições, diante dos alunos todos, porque ele não tem dez-réis de vergonha, nunca teve. Mas não me refiro a coisas desse género. Refiro-me a coisas simples, como será o futuro, etc. Eu sou uma pessoa inculta, não sei nada de nada, não te posso ajudar. Mas numa circunstância tão séria como esta acho que não se deve ir assim às cegas. Acho que deves consultar um astrónomo a sério, dos da Universidade, para que ele te faça o horóscopo, e para ficares a saber em que situação estás. Porque ris?

VIRGÍNIA: Porque já lá fui.

SENHORA SARTI (*muito curiosa*): E que disse ele?

VIRGÍNIA: Durante três meses tenho de ter cuidado, porque o Sol se encontra no Capricórnio, mas depois fica sob um ascendente extremamente favorável, e as nuvens dissipam-se. Se eu não perder Júpiter de vista posso fazer as viagens que quiser, porque sou Capricórnio.

SENHORA SARTI: E Ludovico?

VIRGÍNIA: É Leão. (*Depois de uma pequena pausa.*) Deve ser sensual.

~~Silêncio.~~

~~VIRGÍNIA: Conheço estes passos. É o reitor, o senhor Gaffone.~~

Entra o senhor Gaffone, reitor da Universidade.

GAFFONE: Venho só trazer um livro que é capaz de interessar ao seu pai. Por amor de Deus, não incomode o senhor Galileu. É mais forte do que eu, tenho sempre a impressão de que cada minuto que se rouba a esse homem genial é um minuto que se rouba à Itália. ~~Deixo o livro nas suas mãos, e vou-me embora, em bicos dos pés.~~

Sai. Virgínia dá o livro a Federzoni.

GALILEU: Sobre que é?

FEDERZONI: Não sei. (Soletta:) «*De maculis in sole*».

ANDREA: Sobre as manchas solares. Mais um!

Federzoni estendê-lhe o livro, aborrecido.

ANDREA: Oçam a dedicatória! «A maior autoridade viva das Ciências Físicas, Galileo Galilei.»

Galileu mergulhou de novo no seu livro.

ANDREA: Li o tratado de Fabrício da Holanda sobre as manchas solares. Ele pensa que são grupos de estrelas que passam entre a Terra e o Sol.

O PEQUENO FRADE: Não lhe parece duvidoso, senhor Galileu?

Galileu não responde.

ANDREA: Em Paris e em Praga julga-se que são vapores do Sol.

FEDERZONI: Hum.

ANDREA: Federzoni duvida.

FEDERZONI: Prefiro não entrar na discussão. Eu disse «hum», e mais nada. ~~Seu o polidor de lentes, faço o meu trabalho e vocês é que olham através delas e observam o céu, e aquilo que vêem não são manchas, são «maculis».~~ Como posso eu duvidar seja lá do que for? Quantas vezes ainda

será preciso dizer-lhes que eu não posso ler esses livros? Estão escritos em latim.

Zangado gesticula com a balança na mão. Um prato cai no meio do chão. Galileu aproxima-se e levanta-o do chão em silêncio.

O PEQUENO FRADE: Duvidar é uma bem-aventurança; gostava de saber porquê.

ANDREA: ~~Há quinze dias que de cada vez que há sol eu trepo ao sótão da casa, e fico ali de baixo do telhado. Através dos intervalos das ripas só passa um raio muito fino, o que permite receber numa folha de papel a imagem do Sol invertida. Vi uma mancha do tamanho de uma mosca, de contornos esbatidos, como uma nuvenzinha. Movia-se.~~ Porque não estudamos as manchas solares, senhor Galileu?

GALILEU: Porque estamos a trabalhar sobre corpos flutuantes.

ANDREA: A mãe tem cestos de roupa cheios de cartas. Toda a Europa quer saber a sua opinião. O seu prestígio aumentou tanto que não é possível calar-se por mais tempo.

GALILEU: Roma deixou crescer o meu prestígio porque eu me calei.

FEDERZONI: Mas agora não pode permitir-se continuar calado.

GALILEU: Também não posso permitir-me ser assado numa fogueira, como um presunto.

ANDREA: Então acha que as manchas estão relacionadas com aqueles problemas?

Galileu não responde.

ANDREA: Bem, está bem, fiquemos pelos pedacinhos de gelo; isso não o pode prejudicar.

GALILEU: Certo. Qual é a nossa tese, Andrea?

ANDREA: Quanto à flutuação de um corpo, supomos que ela não depende da sua forma, mas sim do facto de o corpo ser mais leve ou mais pesado do que a água.

GALILEU: O que diz Aristóteles?

~~O PEQUENO FRADE: «Discus latus platiqne...»~~

~~GALILEU: Traduza, traduza!~~

O PEQUENO FRADE: Uma placa de gelo larga e chata pode flutuar na água, enquanto uma agulha de ferro vai ao fundo.

GALILEU: Segundo Aristóteles, por que razão não se afunda o gelo?

O PEQUENO FRADE: Porque é largo e chato, e portanto não pode dividir a água.

GALILEU: Muito bem. *(Pega num bocado de*

gelo e coloca-o no alquidar.) Agora carrego com força o gelo contra o fundo do recipiente. Interrompo a pressão das minhas mãos. Que acontece?

O PEQUENO FRADE: Volta a vir ao de cima.

GALILEU: Certo. Aparentemente para subir é capaz de dividir a água. Fulgêncio!

O PEQUENO FRADE: Mas então porque flutua? O gelo é mais pesado do que a água, visto que é água mais densa.

GALILEU: E se fosse água menos densa?

ANDREA: Tem de ser mais leve do que a água, senão não flutuava.

GALILEU: Aha.

ANDREA: Tal como uma agulha de ferro não flutua. Tudo o que é mais leve do que a água flutua, e tudo o que é mais pesado vai ao fundo. Como se queria demonstrar.

GALILEU: Andrea, tens de aprender a raciocinar com mais cautela. Dá-me a agulha de ferro. Uma folha de papel. O ferro é mais pesado do que a água?

ANDREA: Sim.

Galileu coloca a agulha sobre uma folha de papel e põe-a na água.

Pausa.

GALILEU: O que se passa?

FEDERZONI: A agulha flutua! Santo Aristóteles, eles nunca o experimentaram. (*Riem todos.*)

GALILEU: Uma das principais causas de atraso na ciência é, normalmente, julgar que já se sabe tudo. Não é sua finalidade abrir uma porta da sabedoria infinita, mas sim limitar o infinito erro. Tomem as vossas notas.

VIRGÍNIA: O que foi?

SENHORA SARTI: De cada vez que riem apanho um susto. De que estarão a rir?, é o que eu penso logo.

~~VIRGÍNIA: O pai costuma dizer: os teólogos têm os seus sinos, e os físicos têm o seu riso.~~

SENHORA SARTI: Mas ao menos alegra-me que ele já não vá tantas vezes espreitar ao telescópio. Isso ainda era pior.

VIRGÍNIA: Agora limita-se a pôr pedaços de gelo dentro de água. Daí não pode vir grande mal.

SENHORA SARTI: Não sei.

Entra Ludovico Marsili em traje de viagem, seguido por um criado com as malas. Virgínia corre ao seu encontro e abraça-o.

VIRGÍNIA: Porque não me escreveste a dizer que vinhas?

LUDOVICO: Estava aqui perto a ver as nossas vinhas de Bucciolo, e não aguntei mais.

GALILEU (*como um míope*): Quem é?

VIRGÍNIA: Ludovico.

O PEQUENO FRADE: Não o consegue ver?

GALILEU: Ah sim, Ludovico. (*Vai ao seu encontro.*) Então os cavalos?

LUDOVICO: Estão bem, senhor.

GALILEU: Sarti, vamos festejar. Vai buscar um jarro daquele vinho velho da Sicília!

Sarti sai com Andrea.

LUDOVICO (*para Virgínia*): Estás tão pálida. A vida do campo vai fazer-te bem. A mãe conta contigo em Setembro.

VIRGÍNIA: Espera, vou mostrar-te o vestido de noiva! (*Sai a correr.*)

~~GALILEU: Senta-te.~~

LUDOVICO: Disseram-me que tem mais de mil estudantes a assistir às suas aulas, na Universidade. Em que está a trabalhar, neste momento?

GALILEU: Nada de especial. Vieste por Roma?

LUDOVICO: Sim. Antes que me esqueça, a mãe cumprimenta-o pelo seu admirável tacto perante a nova orgia de manchas solares dos holandeses.

GALILEU (*secamente*): Muito agradecido.

Sarti e Andrea trazem o vinho e copos. As pessoas juntam-se à roda da mesa.

LUDOVICO: Roma já tem assunto de conversa para o mês de Fevereiro. Cristóvão Clavius exprimiu o seu receio de que estas manchas solares tragam de novo à baila o carrocel da Terra-à-volta-do-Sol.

ANDREA: Não há perigo.

GALILEU: E que outras novidades da Cidade Santa, além da expectativa de novos pecados meus?

LUDOVICO: Já sabe com certeza que o Santo Padre está a morrer?

O PEQUENO FRADE: Oh!

GALILEU: De quem se fala como sucessor?

LUDOVICO: Em geral de Barberini.

GALILEU: Barberini.

ANDREA: O senhor Galileu conhece Barberini.

O PEQUENO FRADE: O Cardeal Barberini é um matemático.

FEDERZONI: Um cientista no trono de S. Pedro!

Pausa.

GALILEU: ~~Com que então agora precisam de homens como Barberini, com alguns conhecimentos de matemática!~~ As coisas começam a pôr-se em movimento. Federzoni, ainda poderemos chegar a uma época em que já não se considere crime dizer que dois vezes dois são quatro. (*Para Ludovico:*) Sabe-me bem o vinho, Ludovico. Tu que dizes?

LUDOVICO: É bom.

GALILEU: Conheço a vinha. A encosta é abrupta e pedregosa, e a uva quase azul. Gosto muito deste vinho.

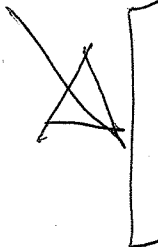
LUDOVICO: Sim, senhor.

GALILEU: Tem pequenas sombras dentro, e é quase doce, mas não passa do «quase». Andrea, arruma essa tralha, o gelo, o alguidar, a agulha. Apreço as consolações da carne. Não tenho pachorra para as almas cobardes, que falam de fraquezas. Eu digo: o prazer é uma realização.

O PEQUENO FRADE: Que pensa fazer?

FEDERZONI: Começamos de novo com o carrocel da Terra-à-volta-do-Sol.

ANDREA (*trauteando baixinho*):



A *Bíblia* diz que ela não se move.
E os doutores demonstram
que ela de facto não se move.
O Santo Padre pega-lhe pelas orelhas
e mantém-na segura. E no entanto
ela move-se.

*Andrea, Federzoni, e o pequeno frade apressam-se
a arrumar a mesa de trabalho.*

ANDREA: Poderíamos descobrir que o Sol tam-
bém gira. Que tal te agradava a ideia, Marsili?

LUDOVICO: Para quê tanta excitação?

SENHORA SARTI: Senhor Galileu, não vai come-
çar outra vez com essas coisas diabólicas?

GALILEU: Agora sei por que razão a tua mãe
te mandou vir ter comigo. Barberini no poder!
A ciência será uma paixão e a investigação uma
voluptuosidade. Clavius tem razão, estas manchas
solares interessam-me muito. Sabe-te bem o meu
vinho, Ludovico?

LUDOVICO: Já lhe respondi, senhor.

GALILEU: Sabe-te bem, a sério?

LUDOVICO (*rígido*): Sim.

GALILEU: Serias capaz de aceitar o vinho ou a
filha de um homem sem lhe exigir que deixe de
exercer a sua profissão? Que tem a minha as-
tronomia a ver com a minha filha? As fases
de Vénus não lhe modificam o traseiro.

SENHORA SARTI: Não seja tão ordinário. Vou
já chamar a Virgínia.

LUDOVICO (*impede-a*): Os casamentos, em fa-
mílias como a minha, não se decidem apenas por
razões de ordem sexual.

GALILEU: Durante oito anos impediram-te de
casar com a minha filha, enquanto eu era posto
à prova?

LUDOVICO: A minha mulher também tem de
desempenhar um papel importante na igreja da
nossa aldeia.

GALILEU: Queres dizer que os teus camponeses
pagarão ou não as rendas conforme o grau de
santidade da senhora?

LUDOVICO: De certo modo.

GALILEU: Andrea, Fulgêncio, tragam o espelho
de latão e o écran! Vamos projectar sobre ele a
imagem do Sol, para poupar os olhos; é o teu
método, Andrea.

*Andrea e o pequeno frade trazem o espelho e o
écran.*

LUDOVICO: O senhor quando esteve em Roma comprometeu-se a não se meter mais nesta história da Terra-à-volta-do-Sol!

GALILEU: Isso foi antes! Nessa altura tínhamos um Papa reaccionário!

SENHORA SARTI: Tínhamos! E Sua Santidade ainda nem sequer morreu!

GALILEU: Quase, quase! Ponham uma rede de quadrados no écran. Vamos proceder com método. E depois poderemos dar resposta a todas essas cartas, não é, Andrea?

SENHORA SARTI: «Quase»! O homem pesa cinquenta vezes cada bocadinho de gelo, mas quando se trata de uma coisa que lhe convém acredita logo nela cegamente!

Instalam o écran.

LUDOVICO: Mesmo que Sua Santidade morra, senhor Galileu, o próximo Papa, seja ele qual for, e por muito grande que possa ser o seu amor às ciências, não deixará de tomar em consideração os sentimentos para com ele das famílias mais importantes do país.

O PEQUENO FRADE: Deus fez o mundo físico, Ludovico; Deus fez o cérebro humano; Deus permitirá a física.

SENHORA SARTI: Galileu, agora vou eu dizer-te uma coisa. Vi o meu filho cair em pecado por causa dessas «experiências» e «teorias» e «observações» e não pude fazer nada. Lançaste-te contra as autoridades e elas já te avisaram uma vez. Os mais altos cardeais chamaram-te à razão. Durante algum tempo deu resultado, mas de há dois meses para cá, pouco depois da Imaculada Conceição, que eu te tenho apanhado a fazer às escondidas essas «observações». No sótão! Não disse nada, mas sabia muito bem o que se estava a passar. Fui logo a correr oferecer uma vela a S. José. Mas isto já ultrapassa as minhas forças. Quando estou sòzinha contigo dás mostras de compreensão, e dizes-me que sabes que tens de ter cuidado e dominar-te, porque é perigoso, mas dois dias de experiências e voltas a ficar pior do que antes. Se perco a salvação eterna por ficar com um herético, isso é assunto que só me diz respeito a mim, mas tu não tens o mínimo direito de calcar a felicidade da tua filha com os teus enormes pés!

GALILEU (*mal humorado*): Tragam o telescópio!

LUDOVICO: Giuseppe, leva as malas embora.

O criado sai.

SENHORA SARTI: Ela não resiste a uma coisa destas. Fale o senhor com ela!

Foge, ainda com o jarro na mão.

LUDOVICO: ~~Vejo que tomou as suas disposições.~~ Senhor Galileu, a mãe e eu vivemos a maior parte do tempo na nossa propriedade da Campânia, e podemos afirmar-lhe que os nossos camponeses não se deixam alterar pelo seu tratado sobre os satélites de Júpiter. O trabalho do campo é árduo de mais. Mas o que os podia alterar era saber que a partir de agora os ataques contra a santa doutrina da Igreja ficavam sem castigo. Não esqueça que os desgraçados, no estado animal em que se encontram, baralham tudo. São verdadeiramente uns animais, nem pode imaginar. Se alguém diz que viu uma pêra numa macieira largam logo o trabalho a correr para virem discutir sobre o assunto.

GALILEU (*interessado*): Sim?

LUDOVICO: Uns animais. Quando vêm à propriedade queixar-se de alguma insignificância, a mãe vê-se obrigada a mandar chicotear um cão diante deles, só isso os pode chamar à ordem, à disciplina e à boa educação. O senhor, senhor Galileu, olha casualmente da janela da carruagem para os campos fluorescentes de milho, come distraído as nossas azeitonas e o nosso queijo, e não faz a mínima ideia do trabalho que tudo isso dá a cultivar, e como é preciso estar sempre em cima deles!

GALILEU: Jovem, eu quando como azeitonas nunca estou distraído. (*Grosseiro*): ~~Estás-me a fazer perder tempo.~~ (*Chama*): Já têm o écran?

ANDREA: Sim. Estamos à sua espera.

GALILEU: Vocês não se limitam a chicotear só cães, para os manter disciplinados, não é verdade Marsili?

LUDOVICO: Senhor Galileu, o senhor tem um cérebro maravilhoso. É pena.

O PEQUENO FRADE (*admirado*): Ele está a ameaçá-lo.

GALILEU: Sim, eu poderia espantar-lhe os camponeses, fazendo-os ter pensamentos novos. E também os criados, e os feitores.

FEDERZONI: Mas como? Nenhum deles sabe latim.

GALILEU: Poderia escrever na língua do povo, para muitos, em vez de escrever em latim para poucos. Para os novos pensamentos precisamos de pessoas que trabalhem com as mãos. Se não forem elas, quem desejará saber a razão das coisas? ~~Aqueles que só vêm o pão na mesa, não~~ querem saber como ele é amassado. Essa gente prefere agradecer a Deus, em vez de agradecer ao padeiro. Mas aqueles que fazem o pão sabem compreender que nada se move que não seja

~~primeiro posto em movimento.~~ A tua irmã no lagar, Fulgêncio, não se admirará muito quando lhe disserem que o Sol não é um escudo de nobreza, mas sim uma alavanca: A Terra move-se, porque o Sol a põe em movimento.

LUDOVICO: O senhor há-de ser eternamente escravo das suas paixões. Desculpe-me junto de Virgínia. Acho que é melhor eu não a ver agora.

GALILEU: O dote está à sua disposição, em qualquer altura.

LUDOVICO: Bom dia. (*Sai.*)

ANDREA: E dê os nossos cumprimentos a todos os Marsilis.

FEDERZONI: Que ordenam à Terra que permaneça imóvel, para que os seus castelos não caiam aos trambolhões!

ANDREA: E aos Cenzis e aos Villanis!

FEDERZONI: Aos Cervillis!

ANDREA: Aos Lecchis!

FEDERZONI: Aos Pirleonis!

ANDREA: Que só querem beijar os pés do Papa se ele pisar com os pés o povo todo.

O PEQUENO FRADE (*que também está junto do material de trabalho*): O novo Papa é um homem esclarecido.

GALILEU: Vamos então começar com a observação dessas manchas do Sol que nos interessam, por nossa conta e risco, sem nos fiarmos muito na protecção de um novo Papa.

ANDREA (*interrompendo*): Mas com a plena certeza de demonstrar a rotação do Sol, e destruir a teoria da sombra das estrelas do senhor Fabrício, e dos vapores do sol de Praga e de Paris.

GALILEU: Com alguma certeza de demonstrar a rotação do Sol. A minha intenção não é demonstrar que até aqui tive razão, mas sim descobrir se a tive, ou não. Desde já lhes digo: ponham de parte todas as esperanças, vocês que se vão dedicar à observação. Talvez sejam vapores, talvez sejam manchas, mas antes de aceitarmos que são manchas, o que até nos convinha, partamos do princípio que são rabos de peixe. Sim, vamos mais uma vez pôr tudo em dúvida. E não avançaremos com botas de sete léguas, mas antes pelo contrário com passos de caracol. E o que descobrirmos hoje, amanhã riscaremos do quadro, e só lá voltaremos a escrever aquilo que descobrirmos de novo pela segunda vez. E aquilo que desejamos descobrir, uma vez descoberto, passaremos a encará-lo com extrema desconfiança. Vamos pois dedicar-nos à observação do Sol com a decisão inflexível de demonstrar a imobilidade da Terra! E só quando tivermos falhado por completo, quando estivermos completa-

mente derrotados, sem qualquer esperança, lambendo as nossas feridas e cheios de tristeza, começaremos então a perguntar se afinal não tínhamos razão, ao dizer que a Terra se movia. (*Piscando os olhos*): Mas se todas as outras teorias, exceptuando esta, se desfizerem entre as nossas mãos, então não haverá dó nem piedade para com aqueles que não investigaram, e no entanto falam. Tirem o pano do telescópio e apontem-no para o Sol!

Ajusta o espelho de latão.

O PEQUENO FRADE: Eu sabia que já tinha começado com o trabalho. Soube-o logo, quando o senhor não reconheceu Ludovico Marsili.

Iniciam em silêncio a investigação. Quando a imagem flamejante do Sol aparece no écran, entra Virgínia a correr, vestida de noiva.

VIRGÍNIA: Mandaste-o embora, pai!

Desmaia. Andrea e o pequeno frade correm para ela.

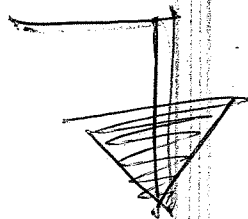
GALILEU: Preciso de saber.

Na década seguinte, a teoria de Galileu espalha-se entre o povo. Panfletários e cantores ambulantes por toda a parte se apoderam das novas ideias. Durante o Carnaval de 1632 muitas cidades de Itália escolhem a astronomia como tema do cortejo de carnaval das corporações.

PRAÇA DO MERCADO

Um casal de actores semimortos de fome com uma miúda de cinco anos e um bebé chegam a uma praça onde uma multidão, em parte mascarada, aguarda a passagem do cortejo de carnaval. Arrastam uma trouxa, um tambor e outros objectos.

O CANTOR AMBULANTE (*tocando o tambor*): Mui dignos habitantes, senhoras e senhores! Antes do grande cortejo de carnaval das corporações vamos apresentar-lhes a mais recente canção florentina, espalhada por toda a Itália do Norte, e que nós, com grande custo, conseguimos trazer para cá. Intitula-se: A horrífica doutrina e opinião de mestre Galileu Galilei, físico da corte, ou Um antegosto do futuro.



Canta:

Quando o Todo-Poderoso disse o seu grande
[«Fiat»,

ordenou ao Sol que iluminasse a Terra,
girando à volta dela num círculo ordenado,
como se fosse um pequeno criado.

Pois era seu desejo

que cada um girasse em torno
daquele que lhe fosse superior.]

E começaram a girar

à roda dos poderosos, os pequenos,
à roda dos principais os secundários,
na Terra como no Céu.

À roda do Papa giram os cardeais.

E à roda dos cardeais giram os bispos.

E à roda dos bispos, giram os secretários.

E à roda dos secretários giram os vereadores.

E à roda dos vereadores giram os trabalhadores.

E à roda dos trabalhadores giram os criados.

E à roda dos criados giram os cães,
as galinhas e os pedintes.

fale
Esta é, boa gente, a Grande Ordem, *ordo ordi-*
num, como dizem os senhores teólogos, *regula*
aeternis, a Regra das Regras, mas, boa gente,
que foi que aconteceu?

Canta:

Insurgiu-se o doutor Galileu
(mandou passear a *Bíblia*

apontou o seu telescópio
lançou uma olhadela ao universo)
e ordenou ao Sol: pára!

Daqui em diante a *creatio dei*

passará a girar doutra maneira.

Agora, héhé, é a vez da senhora

girar à roda da criada.

Parece impossível?

Gentes, isto não é nenhuma brincadeira!

Os criados estão dia a dia mais ousados!

Porque uma coisa é certa: o divertimento é muito

[raro.

E sinceramente, de mão no coração:

quem não gostaria de ser, por uma vez,
seu próprio dono e senhor?

Digníssimos habitantes, tais ensinamentos são
perfeitamente impossíveis. *fala*

Canta:

Porque o servo tornar-se-ia um preguiçoso
e a criada tornar-se-ia uma atrevida
o cão do carniceiro tornar-se-ia gordo
o menino do coro não mais iria à missa
e o aprendiz ficaria na cama.

Não, não, não! Com a *Bíblia*,

minha gente, não se pode brincar!

Se a corda que nos põem ao pescoço
não for uma corda forte, rebenta logo!

Porque uma coisa é certa: o divertimento é muito

[raro.]

E sinceramente, de mão no coração:

Quem não gostaria de ser, por uma vez,
seu próprio dono e senhor?

fala Boa gente, contemplai o futuro, tal como o sábio
doutor Galileu Galilei o antevê:

Canta:

Duas donas de casa vão à praça
e não sabem o que hão-de fazer:
a peixeira come sòzinha o seu peixe
num bocado de pão!

O pedreiro ergue as fundações
com pedra do seu patrão
e uma vez a casa terminada
é ele que se muda lá para dentro!

E então está certo tudo isto? Não, não, não,
não é nenhuma brincadeira!

Se a corda que nos põem à roda do pescoço
não for uma corda forte,
rebenta logo!

Porque uma coisa é certa:

o divertimento é muito raro.

E sinceramente, de mão no coração:

Quem não gostaria de ser, por uma vez,
seu próprio dono e senhor?

O caseiro dá sem vergonha

pontapés no rabo do seu amo.

E a mulher do caseiro dá aos seus filhos
leite, que antes devia ser dado ao clero.
Não, não, não, boa gente! Com a Bíblia
não se pode brincar!

Se a corda que nos põem à roda do pescoço
não for uma corda forte,
rebenta logo!

Porque uma coisa é certa: o divertimento é muito

[raro.]

E sinceramente, de mão no coração:

Quem não gostaria de ser, por uma vez,
seu próprio dono e senhor?

A MULHER DO CANTOR:

Eu tive há pouco tempo um deslize.

E eis o que disse ao meu marido:

quis ver se o que tu podes

outras estrelas fixas

não o podem melhor.

O CANTOR:

Não, não, não, não, não, não!

Basta, Galileu, basta!

Se tirarmos a mordada do cão, então
ele morde.

E a pura verdade: O divertimento é muito raro
e o que tem de ser, tem de ser mesmo:

Quem não gostaria de ser, por uma vez,
seu próprio dono e senhor?

AMBOS:

Vós, que viveis penando sobre a terra,
reuni os vossos fracos espíritos,
e aprendei com o doutor Galileu
o grande A-B-C da felicidade terrena.

Obedecer foi desde sempre
a grande cruz do homem.

Quem não gostaria de ser, por uma vez,
seu próprio dono e senhor?

fala
O CANTOR: Dignísimos habitantes, olhai para
a fenomenal descoberta de Galileu Galilei: A
Terra girando à volta do Sol!

*Toca enèrgicamente tambor. A mulher e a criança
adiantam-se. A mulher segura uma imagem
tosca do Sol e a criança, erguendo sobre a
cabeça uma abóbora representando a Terra,
descreve um círculo em volta da mulher. O
cantor aponta exaltado para a criança, como
se ela estivesse a executar um perigoso salto
mortal, enquanto ela, de acordo com as pan-
cadas do tambor, vai avançando passo a passo,
aos solavancos. Ouve-se então um toque de
tambores, vindo de trás.*

UMA VOZ GRAVE (grita): O cortejo!

*Entram dois homens esfarrapados, puxando um
carrinho. Num trono rígido está sentado o
«Grão-Duque de Florença» com uma coroa de*

*papelão, vestido de sarapilheira, espreitando
por um telescópio. Sobre o trono um cartaz:
«Procurando dissabores». Em seguida vêm
quatro homens mascarados, transportando um
grande toldo. Param e atiram ao ar um bo-
neco que representa um cardeal. Um anão
colocou-se de lado com um cartaz «A Nova
Era». Da multidão surge, erguendo-se nas
suas muletas, um pedinte, que dança batendo
com os pés no chão, até cair por terra com
grande estardalhaço. Entra um boneco de ta-
manho sobrenatural, Galileu Galilei, que se
inclina diante do público. À sua frente vem
uma criança com uma Bíblia gigantesca,
aberta, com as páginas riscadas em cruz.*

O CANTOR AMBULANTE: Galileu Galilei, des-
truidor da Bíblia!

Grandes risadas da multidão.

1633: A Inquisição chama o célebre investigador a Roma.

As profundezas são quentes
as alturas são frias
a rua é barulhenta
a corte é sossegada.

ANTECÂMARA E ESCADA NO PALÁCIO DOS MÉDICIS
EM FLORENÇA

Galileu e sua filha aguardam que o Grão-Duque os receba.

VIRGÍNIA: Demora tempo.

GALILEU: Sim.

VIRGÍNIA: Lá está outra vez aquele homem que nos seguiu até aqui.

Aponta para um indivíduo, que passa sem olhar para eles.

GALILEU (*cuja vista está muito pior*): Não o conheço.

VIRGÍNIA: Tenho-o visto muito mais vezes nestes últimos dias. Acho-o sinistro.

GALILEU: Disparates. Estamos em Florença e não entre ladrões da Córsega.

VIRGÍNIA: Vem ali o Reitor Gaffone.

GALILEU: Desse é que eu tenho medo. O pateta vai pôr-se outra vez a dar à língua durante mais de uma hora.

Gaffone, o reitor da Universidade, desce a escada. Tem um sobressalto visível, ao ver Galileu, e passa por ambos com a cabeça rigidamente desviada, mal os cumprimentando.

GALILEU: Que aconteceu? Os meus olhos hoje estão péssimos. Ele cumprimentou, ao menos?

VIRGÍNIA: Contrariado. O que é que escreveste no teu livro? É possível que o considerem herético?

GALILEU: Andas sempre metida nas igrejas. O levantar cedo e o correr as missas estraga-te por completo a pele. Rezas por mim, não?

VIRGÍNIA: Vem ali o senhor Vanni, o fundidor para quem projectaste a fundição. ~~Não te esqueças de lhe agradecer as codornizes.~~

Um homem desceu a escada.

VANNI: Que tal as codornizes que lhe mandei, senhor Galileu?

GALILEU: As codornizes eram excelentes, mestre Vanni, mais uma vez muitíssimo obrigado.

VANNI: Lá em cima estavam a falar de si. Consideram-no responsável pelos panfletos contra a *Bíblia* que se vendem agora por toda a parte.

GALILEU: Ignoro esses panfletos. A *Bíblia* e Homero são as minhas leituras preferidas.

VANNI: E mesmo que não fossem: Queria aproveitar a oportunidade para lhe assegurar que nós, da manufactura, estamos todos do seu lado. Não sou pessoa que perceba lá muito do movimento das estrelas, mas quanto a mim o senhor é um homem que luta pela liberdade de poder aprender coisas novas. Olhe por exemplo aquele cultivador mecânico da Alemanha, que o senhor me descreveu. ~~Só no ano passado apareceram em Londres cinco livros sobre agricultura. E nós aqui já ficaríamos satisfeitos com um livro sobre os canais holandeses. Os mesmos círculos que a si lhe criam dificuldades, não autorizam os médicos de Bolonha a dissecar cadáveres, para investigação.~~

GALILEU: A sua voz tem peso, Vanni.

~~VANNI: Essa é a minha esperança!~~ Sabe que em Amsterdão e Londres têm um mercado monetário? E também escolas profissionais. Jornais que saem regularmente, com notícias. E aqui nem sequer há a liberdade de ganhar dinheiro.

Opõem-se às fundições porque acham que muitos trabalhadores no mesmo sítio favorecem a imoralidade! ~~Eu sou por homens como o senhor, senhor Galileu.~~ Se por acaso alguém tentar fazer-lhe mal, lembre-se que tem amigos em todos os ramos do comércio. As cidades da Itália do Norte estão consigo.

GALILEU: Que eu saiba ninguém tem a intenção de me fazer mal.

VANNI: Não?

GALILEU: Não.

VANNI: Na minha opinião, o senhor em Veneza estava mais protegido. Há lá menos sotainas. Podia lutar e defender-se melhor. Tenho uma carruagem com cavalos, senhor Galileu.

GALILEU: Não posso levar a vida de um refugiado. Dou muito apreço à minha comodidade.

VANNI: Com certeza. Mas segundo o que eu ouvi lá em cima, não há tempo a perder. ~~Tenho a impressão de que neste momento prefeririam mil vezes que o senhor não estivesse em Florença.~~

GALILEU: Absurdo. O Grão-Duque é meu aluno, e além disso o próprio Papa não consentiria que me fizessem mal.

VANNI: Senhor Galileu, o senhor parece que não sabe distinguir os seus amigos dos seus inimigos.

GALILEU: Sei distinguir o poder da impotência.

Afasta-se bruscamente.

VANNI: Bom. Desejo-lhe muita sorte. *(Sai.)*

GALILEU *(volta para junto de Virgínia)*: Cada pessoa que nesta terra tem alguma razão de queixa vem logo escolher-me como seu porta-voz, precisamente nos sítios e nas alturas em que isso só me prejudica. Escrevi um livro sobre a Mecânica do Universo, mais nada. O uso que fizerem ou não fizerem dele, já não me diz respeito.

VIRGÍNIA *(em voz alta)*: Se as pessoas soubessem como tu condenaste aquilo que se passou no Carnaval!

GALILEU: Sim. Dá mel a um urso e ele come-te logo o braço, se por acaso estiver esfomeado!

VIRGÍNIA *(em voz baixa)*: O Grão-Duque convocou-te mesmo para hoje?

GALILEU: Não, mas eu pedi que me anunciassem. Ele quer o livro, já pagou e tudo. Pergunta aí ao funcionário e queixa-te por nos fazerem esperar tanto tempo.

~~VIRGÍNIA *(seguida pelo indivíduo, dirige-se a um funcionário)*: Senhor Mincio, Sua Alteza foi informada de que o meu pai lhe deseja falar?~~

O FUNCIONÁRIO: Como é que quer que eu saiba?

~~VIRGÍNIA: Isso não é resposta.~~

O FUNCIONARIO: Não?

VIRGÍNIA: Ao menos seja bem educado.

O funcionário vira-lhe as costas e boceja, olhando para o indivíduo.

VIRGÍNIA (*regressando*): Ele diz que o Grão-Duque ainda está ocupado.

GALILEU: Disseste não sei o quê de ser «bem educado». O que foi?

VIRGÍNIA: Agradei-lhe por ser tão bem educado, mais nada. Não podes deixar o livro aqui entregue? Estás só a perder tempo.

GALILEU: ~~Começo a desconfiar do valor desse tempo.~~ Talvez aceite o convite de Sagredo e vá umas semanas para Pádua. A minha saúde não anda nada boa.

VIRGÍNIA: Não podes passar sem os teus livros.

GALILEU: Podíamos levar connosco um pouco do vinho siciliano, um ou dois caixotes cabem na carruagem.

VIRGÍNIA: ~~Sempre disseste que não pode ser transportado.~~ E a corte ainda te deve o dinheiro de três meses. Esse é que não te mandam.

GALILEU: É verdade.

O Cardeal Inquisidor desce a escada.

~~VIRGÍNIA: O Cardeal Inquisidor.~~

Ao passar inclina-se profundamente diante de Galileu.

VIRGÍNIA: O que faz o Cardeal Inquisidor em Florença, pai?

GALILEU: Não sei. A atitude dele foi bastante respeitosa. Eu sabia muito bem o que estava a fazer, quando vim para Florença e não abri a boca durante tantos anos. Elogiaram-me tanto que têm de me aceitar agora tal e qual como sou.

O FUNCIONÁRIO (*anuncia*): Sua Alteza, o Grão-Duque!

Cosimo Medici desce a escada. Galileu dirige-se a ele. Cosimo pára, ligeiramente embaraçado.

GALILEU: Alteza, o meu diálogo sobre os dois grandes sistemas...

COSIMO: Aha, aha. Como estão os seus olhos?

GALILEU: Assim, assim, Alteza. Se Vossa Alteza me permite, eu trouxe o livro...